

LIVRO DO PROFESSOR

# Plantando as árvores do Quênia

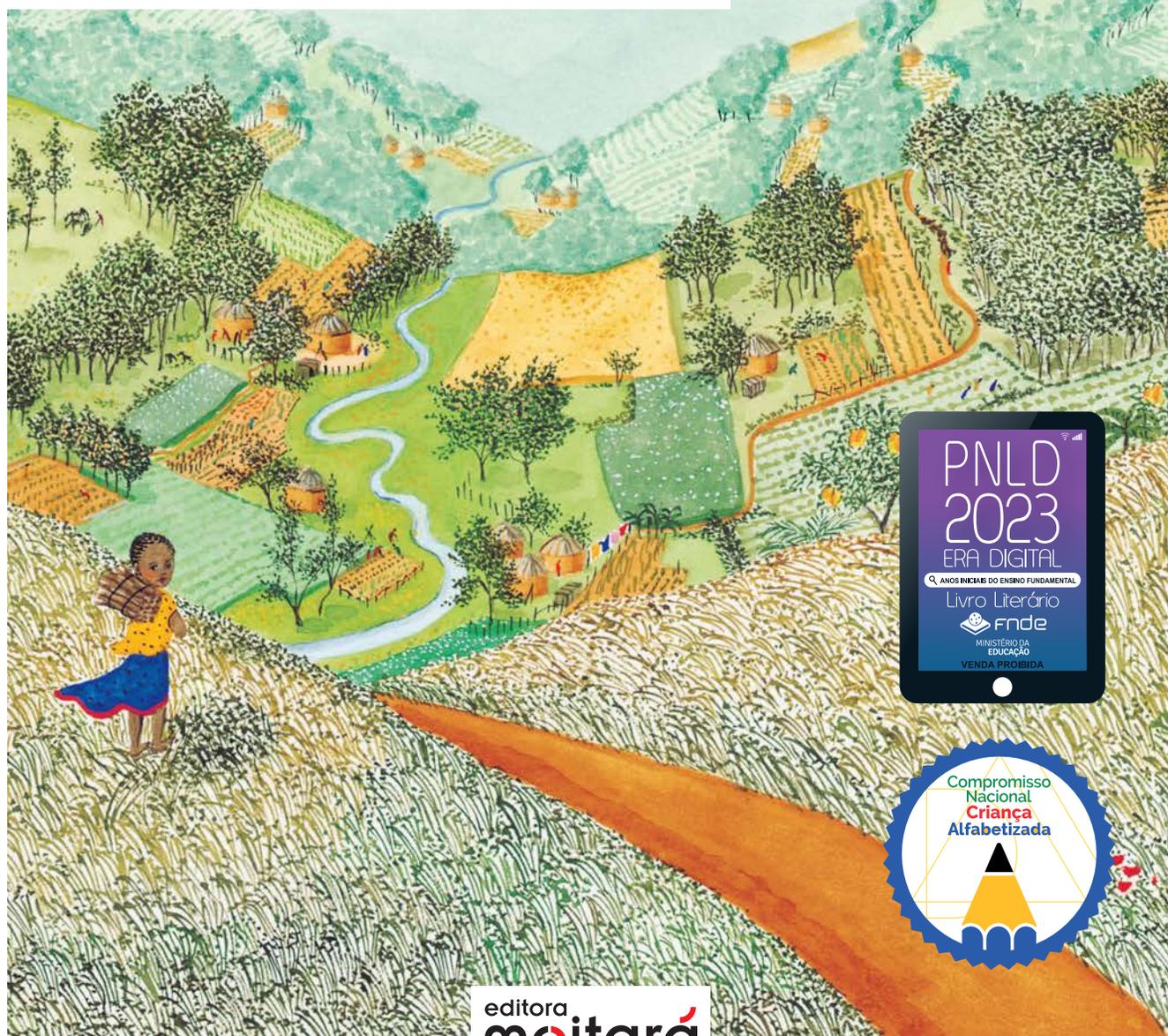
A história de Wangari Maathai

Autora-illustradora: Claire A. Nivola

Tradução: Isa Mesquita

**MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR**

Editora responsável: Graziela Ribeiro dos Santos



editora  
**moitará**

## Cara professora, caro professor,

*Plantando as árvores do Quênia* é uma obra da premiada autora e ilustradora estadunidense Claire A. Nivola, que desenha desde criança, estudou História e Literatura e teve seus primeiros livros publicados nos anos 1980. Quem traduziu o livro para o português foi Isa Mesquita, pseudônimo da jornalista, editora e tradutora Cláudia Ribeiro Mesquita. A obra apresenta múltiplas possibilidades de exploração para estudantes de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Apresentando a história da ambientalista Wangari Maathai, primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz, em 2004, o livro se coaduna com os objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê a promoção da *consciência socioambiental* na competência geral 7 para a Educação Básica (p.9) e nas competências específicas de Linguagens (competência 4), Língua Portuguesa (competência 6), Ciências da Natureza (competências 2, 4 e 8) e Ciências Humanas (competência 6) para o Ensino Fundamental (BNCC, 2018). Contempla também o artigo 5º da Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA).

O livro de Nivola aborda os impactos do desmatamento no território queniano. Mas ele não trata da preservação ambiental apenas em termos ecológicos, como um desafio a ser enfrentado prioritariamente por meio de mudanças no comportamento individual. Em vez disso, revela interesses conflitantes em jogo no modo de se relacionar com o ambiente, frisando o caráter coletivo e político que devem ter as medidas preservacionistas.

A luta travada por Wangari Maathai, relatada em *Plantando as árvores do Quênia*, ainda possibilita pensar no protagonismo das mulheres na vida pública, contemplando o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), em especial a Diretriz 9, cujo objetivo estratégico III é dedicado à “Garantia dos direitos das mulheres para o estabelecimento das condições necessárias para sua plena cidadania” (PNDH-3, 2009, p. 90). Recomenda-se a leitura compartilhada da obra com familiares e responsáveis pela criança, no ambiente doméstico, para fomentar o desenvolvimento da **literacia familiar**. A história oferece exemplos potencialmente inspiradores no âmbito das relações familiares, haja vista o lugar pioneiro ocupado por mães e filhas no replantio das árvores.

De outra perspectiva, o fato de a obra ser ambientada em um país da África e mostrar certos elementos de culturas africanas atende ainda aos objetivos da Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino sobre História da África e da cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio.

Em seguida, oferecemos a você sugestões de exploração do livro e propostas de atividade destinadas a auxiliar no trabalho em sala de aula. Tais sugestões podem e devem ser adaptadas às suas necessidades e à realidade dos estudantes, da escola e do planejamento letivo. No fim do material, um glossário contextualiza termos relativos à BNCC e à Política Nacional de Alfabetização (PNA), destacados em negrito ao longo do texto. Dessa maneira, ansiamos por contribuir para que a leitura da obra se converta em uma experiência de fruição estética e revelação do mundo, externo e interno, para você e para os estudantes. Boa leitura!

**A editora**

# Sumário

## 1. Aspectos formais e temáticos da obra 4

- O GÊNERO LITERÁRIO 4
  - Biografia 4
- INTERTEXTUALIDADES E REFERÊNCIAS 5
  - Wangari Maathai e seu contexto histórico 5
  - O desmatamento no Brasil 6
- AS ILUSTRAÇÕES 7
- OS TEMAS 10
  - Autoconhecimento, sentimentos e emoções 10
  - Encontros com a diferença 10
  - O mundo natural e social 11

## 2. Propostas pedagógicas 12

- A LEITURA DIALOGADA DA OBRA 12
  - Pré-leitura 12
  - Leitura 12
  - Pós-leitura 13
- OUTRAS ATIVIDADES 15
  - Fanzine coletivo 15
  - Horta de temperos comunitária 16
  - Contra o desmatamento! 18
- AVALIAÇÃO 20

## 3. Materiais complementares 21

- PARA OS PROFESSORES 21
- PARA OS ESTUDANTES 22

## 4. Bibliografia comentada 24

## 5. Glossário 27

- POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA) 27
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) 28

# 1. Aspectos formais e temáticos da obra

## O GÊNERO LITERÁRIO

### Biografia

No paratexto final da obra *Plantando as árvores do Quênia* foram destacados alguns traços do gênero biografia, como o apoio em fontes documentais variadas e a necessidade de contextualizar de diferentes maneiras (geográfica, histórica e culturalmente) a trajetória individual do biografado.

Outro aspecto da biografia é o *caráter lacunar* das informações que o biógrafo deve enfrentar, pois, às vezes, por mais que pesquise, ele se defronta com algum período ou fato da vida do biografado a respeito do qual faltam informações. Ele então precisa formular hipóteses e usar a imaginação para preencher essa lacuna de um modo que faça sentido, levando em conta o que já se sabe sobre a pessoa. Por isso, os biógrafos precisam ser um pouco detetives, para juntar todas as pistas e peças que compõem o quebra-cabeça de uma vida, e um pouco ficcionistas, para completar com imaginação e bom senso as partes que faltam.

Vale a pena frisar para os estudantes que uma mesma vida pode gerar diferentes desenhos, dependendo dos interesses do biógrafo e da seleção de informações realizada por ele. No livro de Claire A. Nivola, você pode desafiá-los a comparar, por exemplo, a seleção de informações na história principal (entre as páginas 4 e 31) e na “Nota da autora”, que ocupa as páginas 32 a 34. A história principal destaca passagens da infância da biografada, não apenas por sua importância para entender o percurso de Wangari na vida adulta, mas também para favorecer a identificação com os leitores mirins, público-alvo da obra.

Por se tratar de uma biografia cujo suporte é um livro ilustrado, a quantidade de texto em cada página é limitada e prioriza momentos-chave: infância; período de estudo nos Estados Unidos; retorno ao Quênia; choque com a degradação ambiental e o empobrecimento da população; busca de soluções (criação do Movimento Cinturão Verde) e êxito na iniciativa de reflorestamento.

A linguagem da história principal também se distingue pelo uso de metáforas (o colar de ovos de rã, a terra vestida ou nua, o vento malévolo que assoreia os rios), que não apenas reforçam o caráter poético das ilustrações, como ainda estimulam uma relação mais empática com a natureza e o meio ambiente. O desencantamento da natureza, sua conversão em mero recurso a ser explorado pelo ser humano, torna o ambiente mais vulnerável à destruição. Conforme ensina o líder indígena e ambientalista Ailton Krenak, a despersonalização da natureza, das árvores, dos rios e das montanhas favorece a conversão de todo o ambiente em mero resíduo da atividade extrativista e industrial (KRENAK, 2019).

Já a “Nota da autora” e o paratexto final da obra preocupam-se mais em fornecer informações adicionais sobre a biografada, as quais não aparecem no texto principal. Entre elas, a contextualização familiar e a formação como autora-ilustradora, a obtenção do Prêmio Nobel da Paz, em 2014, e as perseguições sofridas por ela. Outras biografias sobre Wangari Maathai voltadas para o público infantil podem traçar desenhos distintos com base na mesma vida.

Além das questões relativas à seleção de informações e ao tipo de linguagem (mais poética ou mais objetiva) que comporão o desenho de uma vida, você pode explorar também com os estudantes, na biografia escrita por Nivola, características comuns entre o relato biográfico e a narrativa, pedindo à turma que identifique os principais acontecimentos e personagens da história (Wangari, freiras beneditinas, agricultoras quenianas, crianças em idade escolar, soldados), situando-os dentro de um quadro espaçotemporal, e localize os trechos dialogados, estimulando os estudantes a refletir sobre as intenções da autora-ilustradora ao organizar desse modo a biografia.

## INTERTEXTUALIDADES E REFERÊNCIAS

### Wangari Maathai e seu contexto histórico

Algo importante a destacar na biografia de Wangari Maathai é o contexto histórico mais amplo no qual se insere sua adesão à causa ambientalista. Wangari saiu da África para estudar nos Estados Unidos em setembro de 1960 e retornou apenas em 1966 a seu país natal, o Quênia. Nos Estados Unidos, ela tomou contato com uma série de movimentos de contestação social, encabeçados por amplos setores da juventude. Entre esses movimentos estava o Movimento Ambientalista. Ao lado dele, podemos mencionar também o Movimento Pacifista, o Movimento pela Libertação das Mulheres (*Women’s Lib*), o Movimento pelos Direitos Civis, etc. Eis apenas alguns exemplos de tendências que se entrelaçavam mundialmente, especialmente nos Estados Unidos (PAES, 2004).

Nesse caldo de cultura é que floresce o ambientalismo, cuja bandeira vinha se alteando pelo menos desde o século XIX, quando, com a Revolução Industrial, aumentaram exponencialmente o consumo dos recursos naturais e a degradação ambiental, bem como a exploração dos trabalhadores submetidos a um novo ritmo de produção. Nos anos 1960, entretanto, o movimento ganhou força sobretudo em decorrência de uma série de fatores: a explosão demográfica e a perspectiva da fome (gerada pela escassez de recursos), a Guerra Fria e a ameaça da bomba nuclear, bem como o surgimento de livros como *Primavera silenciosa*, de Rachel Carson, publicado originalmente em 1962. Tal obra documentou de modo pioneiro os danos ambientais associados ao uso de pesticidas, acusando a indústria química de propagar desinformação.

Esse breve panorama permite compreender um pouco do clima político-intelectual que norteou a formação de Wangari, das preocupações que ela trazia na bagagem ao retornar dos Estados Unidos em 1966, encontrando um país bastante diverso daquele que havia deixado no início da década.

Sua indignação ao voltar, como a história do livro demonstra, decorreu não apenas do choque com a degradação ambiental (desmatamento, estresse hídrico, erosão, assoreamento dos rios, etc.) provocada pela substituição da agricultura familiar de subsistência pela agricultura comercial, mas do empobrecimento dos agricultores e dos impactos dessa transformação para a saúde deles: “Wangari se deu conta de que as pessoas não cultivavam mais o que consumiam, e sim compravam nos mercados. Nesses lugares o alimento era caro; além disso, o pouco que podiam adquirir não tinha a mesma qualidade do que antigamente se plantava, então as crianças e mesmo os adultos estavam fracos e constantemente doentes” (p. 11).

A “solução” então vislumbrada por Wangari extrapola a dimensão estritamente ambiental do problema, revelando o conflito de interesses no uso do solo e a distribuição desigual da riqueza. Assim, seu ativismo ambiental principia com a mobilização das mulheres (p. 16 a 19) e a mobilização por meio da educação (p. 26-27).

Como diversos países africanos, o Quênia tem uma história de colonização acidentada, cheia de conflitos e revoltas, tornando-se independente da Inglaterra apenas em 1963 e se convertendo em república no ano seguinte. Seu primeiro presidente foi Jomo Kenyatta, que governou até 1978, ano de sua morte. Embora o país tenha conquistado a prosperidade sob seu comando, Kenyatta governou de modo autoritário, sem oposição, e foi sucedido por Daniel Arap Moi, seu vice, que se manteve no poder por 24 anos, de 1978 a 2002. O governo de Arap Moi foi marcado por vários problemas, acusações de nepotismo e corrupção, fechamento de universidades e prisão de dissidentes, entre os quais Wangari Maathai, que, presa diversas vezes, temeu ser assassinada. A situação de Wangari só melhorou em 2002, com a eleição de um candidato de oposição, Mwai Kibaki, e a eleição dela mesma para o Parlamento queniano, seguida da nomeação, em 2003, para o cargo de ministra-assistente do Ministério do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais.

## O desmatamento no Brasil

A fim de trazer para mais perto dos estudantes o debate socioambiental, vale a pena fornecer alguns dados recentes sobre desmatamento no Brasil, sobretudo na Amazônia. O Instituto Nacional de Pesquisas (Inpe), que monitora o desmatamento no território nacional, verificou um aumento crítico na emissão de gás carbônico, principalmente no sudeste da Região Amazônica (sul do Pará e norte de Mato Grosso). A emissão aumenta tanto em função das queimadas quanto do desmatamento, que diminui a capacidade de absorção de CO<sub>2</sub> pelas árvores. Na região supracitada verifica-se que as áreas com desmatamento igual ou superior a 30% da área total apresentaram uma emissão de carbono dez vezes maior que as áreas com desmatamento inferior a 20% (INPE, 2021).

Já dados do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD), do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), indicam que, em agosto de 2021, já tinha sido consumado um desmatamento de 1.606 km<sup>2</sup>, 7% mais elevado que o verificado no mesmo período em 2020, afora os mais de 18 km<sup>2</sup> de florestas degradadas. A maior parte do desmatamento

(62%) ocorreu em áreas privadas, contra 26% em assentamentos (áreas destinadas à produção agrícola ocupadas por trabalhadores sem-terra ou com pouca terra), 9% em Unidades de Conservação e 3% em Terras Indígenas (FONSECA *et al.*, 2021). Tais dados revelam que, no Brasil como na África, o desmatamento e os problemas ambientais que ele acarreta (como estresse hídrico e aquecimento global) estão diretamente ligados à concentração fundiária, isto é, os grandes proprietários desmatam muito mais que os pequenos agricultores e que os povos tradicionais que vivem do extrativismo. Incentive a discussão sobre esses temas com os estudantes, buscando o desenvolvimento neles da consciência socioambiental.

## AS ILUSTRAÇÕES

Muito antes de nos alfabetizarmos aprendemos a ler uma série de imagens que nos cercam: o rosto dos adultos que nos dispensam os primeiros cuidados, os sinais que povoam as ruas da cidade, as imagens que passam rapidamente pela tela de celulares e computadores e, por fim, as que ocupam as páginas de livros, jornais, revistas e outros impressos.

A decodificação dessas imagens, que apresentam alto nível de complexidade, em nada inferior ao dos textos escritos, favorece o desenvolvimento cognitivo em níveis os mais variados. No caso específico do livro ilustrado, a atenção do leitor infantil é capturada tanto pelas ilustrações (signos icônicos) quanto pelas palavras (signos convencionais). Ambos os tipos de signo, conforme nos explica a pesquisadora e artista Sophie Van der Linden (2018), combinam-se de diversas maneiras, exercendo funções plásticas e semânticas. Vale dizer que tais funções podem ser desempenhadas seja pelo texto escrito, quando este opera no nível plástico (espalhando palavras no espaço da página ou explorando variações na fonte e no tamanho das letras, por exemplo), seja por imagens, quando elas assumem função simbólica e/ou narrativa.

Nos livros de literatura dirigidos a estudantes do Ensino Fundamental, a leitura de imagens e de objetos multissemióticos precisa ainda considerar:

[...] as formas de composição e estilo de cada uma das linguagens que os integram, tais como plano/ângulo/lado, figura/fundo, profundidade e foco, cor e intensidade nas imagens visuais estáticas, crescendo, nas imagens dinâmicas e performances, as características de montagem, ritmo, tipo de movimento, duração, distribuição no espaço, sincronização com outras linguagens, complementaridade e interferência etc. (BNCC, 2018, p. 81)

Ademais, o processamento visual, o qual principia na etapa de **literacia emergente** e continua a se desenvolver no decorrer do processo educativo, aproveita a progressiva familiaridade com os recursos da linguagem multissemiótica e visual (evidentemente, deve-se levar em conta a sensibilidade individual de cada estudante, que reagirá diferentemente a distintos estímulos) (PNA, 2019, p. 26).

Você deve incentivar, ao longo da **leitura dialogada**, a manifestação dessa pluralidade de sensibilidades, aguçando a compreensão da turma quanto aos elementos que compõem a linguagem visual (o enquadramento, a seleção cromática, o uso da luz, a gestualidade

do traço, etc.). Dessa maneira, pouco a pouco os estudantes conquistarão autonomia interpretativa, criando critérios próprios para ler as obras. Em paralelo, estimule a família e os responsáveis por essas crianças a exercitar com elas, no ambiente doméstico, a leitura de imagens, favorecendo a **literacia familiar**. Isso colabora para a fruição do texto literário, além de otimizar o desempenho das crianças em atividades de leitura e escrita (PNA, 2019, p. 23).

No paratexto final do livro chamamos a atenção para alguns aspectos das ilustrações de Nivola: destacamos seu caráter informativo e, ao mesmo tempo, poético; salientamos a profusão de detalhes e a variedade de enquadramentos, entre outras coisas. Durante as aulas, você pode desdobrar a observação dos estudantes, chamando a atenção deles para outros elementos (a seguir, você encontrará algumas sugestões).

Considerando o gênero literário da obra (biografia), cuja força deriva justamente da proeminência dada à figura do biografado, você pode começar estimulando a turma a observar as imagens de Wangari em diferentes momentos da sua vida.

A imagem da página de rosto (p. 1), apresentada a seguir, mostra Wangari ainda menina junto de uma árvore. Você pode chamar a atenção dos estudantes, em primeiro lugar, para a postura corporal da menina. Ela abraça o tronco da árvore, o que de algum modo prenuncia sua devoção futura à causa do replantio. Mas o gesto revelador dessa devoção e desse destino é também reforçado por outros elementos da imagem: na mão que está livre, ela segura uma muda de planta; a cor de sua blusa, meio alaranjada, é a mesma das flores na copa da árvore que ela abraça, e um de seus pés está oculto atrás das raízes, como se ela estivesse igualmente plantada, misturando-se com a árvore.

Não se trata, pois, de um elemento isolado, mas de um conjunto de elementos por meio dos quais é possível perceber a intencionalidade expressiva da ilustradora.

Outro aspecto que vale a pena explorar diz respeito ao papel que as imagens cumprem na caracterização de diferentes cenários e ambientes culturais onde a história se passa. Para tanto vale, por exemplo, estimular a comparação entre a imagem da faculdade estadunidense na qual Wangari vai estudar (p. 8-9) e o cenário rural das paisagens do Quênia, por exemplo, na ilustração da página 18. Nessa comparação, o contraste urbano-rural é dado não apenas pelas referências mais óbvias, como a construção em alvenaria da faculdade e as choças de palha da aldeia, dispostas em um chão de terra batida, mas também pelo próprio tratamento plástico dado a elas.



CLAIRE A. NIVOLA, PLANTANDO AS ÁRVORES DO QUÊNIA/ARQUIVO DA EDITORA

Wangari abraçada à árvore:  
o prenúncio de um destino.  
Ilustração da página de rosto de  
*Plantando as árvores do Quênia*.

No caso da ilustração da faculdade, chama a atenção o contraste entre o cimento claro do calçamento e os canteiros de grama verde, delimitados de modo bastante “disciplinado”, o que também é reforçado pela oposição entre as vestes escuras das freiras beneditinas e a roupa colorida das estudantes. Já na ilustração da página 17, a paleta cromática em tons terrosos cria uma espécie de continuidade entre o chão e a parede das casas. Já a roupa multicolorida das mulheres, com padronagens típicas da região, reforça o clima de uma sociabilidade mais calorosa, algo enfatizado pela postura corporal, mais relaxada, das mulheres em torno de Wangari.

Outro elemento que ressalta nas ilustrações de Nivola são as cenas de trabalho feminino: as mulheres com cestos de vime às costas, colhendo o chá das grandes plantações (p. 10-11); tangendo pequenos rebanhos (p. 14-15); cultivando as mudas de árvore em grandes canteiros (p. 22-23). Aqui, do mesmo modo, tão importante quanto a identificação das referências é a observação da organização compositiva (paleta de cores, enquadramento, relação entre figura e fundo, etc.). Se possível, incentive os estudantes a observar cada um desses elementos, estimulando-os a expressar as sensações que despertam neles.

Por exemplo, na ilustração da página 29, presente nesta página, no que se refere aos recursos compositivos, vários elementos podem ser explorados: o contraste cromático entre o uniforme vermelho dos soldados e o vestido azul de Wangari, reforçado também pela postura contrastante entre eles (de perfil e de costas) e ela (cujo rosto está voltado para o observador), bem como pela forte divisão do plano: é possível imaginar uma linha diagonal unindo o canto inferior direito ao superior esquerdo, quase que separando dois núcleos do cenário. Todos esses elementos contribuem para estruturar a imagem e devem ser observados pelos estudantes.

Essas são apenas algumas sugestões de como trabalhar com as imagens em sala de aula. Aproveite, contudo, as manifestações espontâneas dos estudantes empenhados na leitura de imagens. Eles podem chamar a atenção para outros aspectos, igualmente importantes, contribuindo desse modo para a apreciação coletiva da obra.

Wangari e os soldados: pedagogia do verde, na página 29.



CLAIRE A. NIVOLA/PLANTANDO AS ÁRVORES DO QUÊNIA/ARQUIVO DA EDITORA

## OS TEMAS

### Autoconhecimento, sentimentos e emoções

Como já mencionado, *Plantando as árvores do Quênia* narra a trajetória da queniana Wangari Maathai, cuja infância foi cercada de animais, flora abundante e água, que, além de terem significado sagrado para a comunidade, serviam como subsistência às famílias. A biografia conta que a ambientalista foi estudar nos Estados Unidos e, quando voltou para sua terra natal, se deparou com seca, desmatamento e doenças. Em vez de se sentir derrotada com a situação, Wangari resolveu partir para a ação, dando início ao que ficou conhecido como Movimento Cinturão Verde, pelo qual ela ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2004, por sua contribuição ao desenvolvimento sustentável, à democracia e à paz. Wangari Maathai começou com poucas mudas e conseguiu mobilizar a população a plantar mais de 30 milhões de árvores no Quênia.

Toda a biografia é movida pelos anseios, sentimentos e emoções da protagonista. O respeito e o encantamento pelo meio ambiente desenvolvidos durante a infância; o desafio de sair de seu país para estudar nos Estados Unidos e o desejo de mudar o mundo e de voltar para o Quênia; a tristeza em ver a região devastada, escassa em vegetação, alimento e água, e a indignação que a situação lhe causa; e então a iniciativa, a proatividade e a resiliência de transformar sua ideia inicial em realidade. Para além das emoções que vemos brotar em Wangari, acompanhamos os sentimentos que sua luta e trajetória despertam nas pessoas (a princípio da comunidade local e, com o passar dos anos, em seu país e no mundo): o orgulho das pessoas ao redor do mundo em fazer parte de um projeto grandioso; o pertencimento e a representatividade ao ver uma mulher negra à frente de uma ação reconhecida mundialmente; a empatia, resistência, coragem e solidariedade despertadas por sua ação em milhares de pessoas ao redor do mundo, etc.

Como é característico nas biografias, acompanhamos a trajetória da protagonista, com seus desafios e conquistas. Acompanhar seu processo de autoconhecimento pode levar o leitor a olhar para dentro de si mesmo, a se colocar em seu lugar e, por fim, se conhecer melhor, se descobrir sendo inspirado a também desenvolver suas potencialidades.

### Encontros com a diferença

Conhecer a história de Wangari coloca os estudantes em contato com uma série de questões imprescindíveis de debate na escola, como representatividade, além de apresentá-los a outras culturas e à história de países como o Quênia. Apesar de aparentemente distante, muitos paralelos podem ser traçados entre a realidade queniana de Wangari e o contexto brasileiro. Com base na obra, pode-se também revisitar a história do Brasil colonizado e a apropriação de suas terras por portugueses e senhores de escravos, ou levantar o debate ainda atual sobre os povos originários privados de seus meios de subsistência devido a diversas investidas de empresas e outros grupos a suas terras e recursos ambientais.

Conhecer a biografia de Wangari Maathai em sua luta pela preservação da vida e em sua trajetória acadêmica e de conquistas fundamentais – como ter sido a primeira mulher da África Oriental a ter um doutorado; ter sido a fundadora, em 1977, do Movimento Cinturão Verde e ter sido parlamentar no Quênia e integrado o Conselho de Honra do World Future Council – é uma maneira de estudantes negros, principalmente meninas negras, perceberem que podem ser representados e respeitados em lugares historicamente ocupados por homens e pessoas brancas em geral. Mas é também uma forma de estudantes não negros perceberem a necessidade de ter mulheres e homens negros ocupando posições de destaque na sociedade como um todo. No dia em que Maathai morreu, por câncer de ovário, em 2011, havia mais de 47 milhões de árvores plantadas graças à sua iniciativa e à ideia de que a luta pelo planeta em que vivemos é a soma de muitas pequenas batalhas.

## O mundo natural e social

Sendo uma ativista pelo meio ambiente, é exatamente nessas duas esferas – do mundo natural e social – que a trajetória de Wangari Maathai se constrói. A biografia conta como a relação da protagonista com a natureza nasce de maneira sensível e poética, desde o respeito da menina pela figueira sagrada até o riacho perto de onde morava, onde ia pegar água para a mãe e “brincava com os reluzentes ovos de rã tentando juntá-los como contas de um colar” (p. 7). Será que é nesse momento que nasce a bióloga que lutou pela preservação do meio ambiente até o fim da vida? Talvez esteja aí uma referência sobre a importância da educação ambiental nas escolas, proporcionando experiências e aprendizagens ainda na infância para que os estudantes cresçam com consciência socioambiental e tenham perspectiva de que as mudanças necessárias na sociedade podem partir deles, de suas ações, de como se relacionam com as questões da comunidade e até da escolha de suas profissões. Afinal, como Wangari diz no livro: “Quando percebermos que somos parte do problema [...], poderemos nos tornar parte da solução” (p. 16).

É importante observar também que, em razão de um problema local, a protagonista acessa esferas mais amplas, alcançando outras vozes de sua comunidade, cidade e país, até ter seu trabalho reconhecido mundialmente e receber o Prêmio Nobel da Paz em 2004. Outra percepção fundamental de Wangari, que pode também ser relacionada às consequências de uma ação pontual que toma grandes proporções, é a interdependência entre os seres da natureza: a transformação das áreas preservadas do Quênia em fazendas que produziam para vender gera uma série de consequências desastrosas, como secas, erosões, assoreamento dos rios e falta de água limpa para beber, o que por sua vez leva à falta de alimentos e a doenças. Tanto na história de Wangari Maathai, que vai passo a passo conquistando espaço na luta pelo meio ambiente, quanto na degradação do meio ambiente, que vai pouco a pouco se deteriorando, a biografia nos mostra que toda ação tem sua consequência. Promova esse tipo de reflexão entre os estudantes.

## 2. Propostas pedagógicas

### A LEITURA DIALOGADA DA OBRA

Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, segundo a Política Nacional de Alfabetização (PNA), são fundamentais para a aquisição de habilidades avançadas de leitura, como a **compreensão de textos**, o **conhecimento alfabético**, o **desenvolvimento de vocabulário** e a **fluência em leitura oral**, sendo esta última importante ferramenta para o processo de alfabetização, “considerada uma ponte entre o reconhecimento de palavras e a compreensão da leitura” (PNA, 2019, p. 34). Dessa forma, a proposta desta atividade é exercitar a **leitura dialogada** da obra, com base na leitura oral da biografia.

#### Pré-leitura

Para iniciar a atividade, faça uma roda e apresente o livro que será lido. Mostre e leia as informações que estão na capa e quarta capa e explique aos estudantes que vão se deparar com uma biografia. Pergunte se estão familiarizados com esse gênero literário, se conhecem ou já leram alguma biografia, ou até mesmo se já assistiram a algum filme biográfico. Fale sobre o trabalho do biógrafo, que envolve muita pesquisa e escrita. Aponte algumas características do gênero, como a de recontar a vida de uma pessoa ou algumas passagens importantes da trajetória dela, o que exige muita investigação em diversos tipos de fontes. Lendo as informações que estão na capa e quarta capa do livro e observando as ilustrações, incentive os estudantes a levantar hipóteses sobre a obra que vão ler.

#### Leitura

Depois de levantarem hipóteses e antecipações com base nos elementos pré-textuais do livro, inicie a leitura da obra em si. A leitura será feita coletivamente, com o livro passando de mão em mão e cada estudante lendo uma das páginas; dessa forma, além da compreensão do texto, serão trabalhadas a **fluência em leitura oral** e a entonação de voz. A cada passagem, você pode intervir com algumas perguntas e levantar reflexões, de maneira que o entendimento do texto seja mais completo e complexo. Sugerimos abaixo alguns exemplos, segundo trechos do livro:

“Os estudantes americanos daquela época sonhavam em construir um mundo melhor. As freiras, também, ensinaram Wangari a pensar não apenas em si, mas no mundo além dela” (p. 8).

Você pode perguntar:

- Você já teve vontade de fazer algo para mudar o mundo?
- Se pudesse mudar o mundo, qual seria sua primeira ação?

“– Pensem no que estamos fazendo – pediu ela às mulheres. – Estamos cortando as árvores do Quênia. Quando percebermos que somos parte do problema – disse –, poderemos nos tornar parte da solução” (p. 16).

Você pode fazer as seguintes indagações aos estudantes:

- Você se sente parte dos problemas que acontecem em sua escola, comunidade ou cidade?
- Acha que todas as coisas devem ser resolvidas pelas autoridades ou, como Wangari, acha que todas as pessoas podem atuar para melhorar o mundo?

Os trechos acima servem para exemplificar a maneira como se pode trabalhar com a **leitura dialogada** da obra, aproveitando as passagens lidas para conversar com os estudantes sobre situações que eles já viveram e que de alguma maneira se relacionam com a biografia. É possível, igualmente, sugerir que se coloquem no lugar da protagonista e reflitam sobre como se comportariam se estivessem em uma situação semelhante à dela. Essa leitura coletiva, intermediada por discussões e reflexões, exercita a compreensão do texto escrito e do texto visual e permite que seja estimulado o prazer pela leitura.

Quando os leitores relacionam o conteúdo da obra com as próprias experiências, ativam memórias e afetos e se apropriam da história e da trajetória da protagonista. Para finalizar a leitura da biografia, leia o paratexto final do livro e converse com o grupo sobre as informações ali apresentadas; chame a atenção para a função desse recurso, que complementa a biografia com mais informações, dados e datas que talvez não coubessem no corpo da história, bem como aprofunda o gênero literário biografia e chama a atenção para a leitura de imagens. Você pode usar outros livros presentes na biblioteca da escola como exemplos para reforçar a função dos paratextos; bastante comuns em livros infantojuvenis, eles enriquecem a leitura, a contextualização da obra, as intertextualidades e interdisciplinaridades e oferecem ainda mais recursos para o aprendizado.

## Pós-leitura

Após a finalização da leitura, divida a turma em alguns grupos, que deverão preparar uma apresentação de reconto da obra. Essa atividade funciona também como um momento de avaliação da leitura realizada, pois os estudantes deverão conversar entre si sobre a biografia que acabaram de ler, lembrar a história e as passagens que mais marcaram cada um e se organizar para recontar o livro para o restante da turma. Segundo a PNA (2019, p. 33), dessa forma você poderá observar como cada um se apropriou e compreendeu a obra: durante uma atividade prazerosa, na qual a leitura oral é a grande protagonista, você pode conhecer com mais detalhes a etapa de desenvolvimento de leitura em que os estudantes estão e, se for o caso, oferecer-lhes a ajuda necessária.

Cada pequeno grupo pode ter consigo o livro para consultar, lembrar passagens e ajudar a estruturar o reconto que apresentarão. Depois de lerem o texto e conversarem a respeito dele, convide os integrantes de cada grupo a iniciar o processo de organização

da apresentação, combinando inicialmente como isso será feito. Eles podem, por exemplo, dividir a história e cada um contar uma parte. Um estudante também pode recontar a história, enquanto outro passa as páginas do livro (além de ilustrar o que está sendo contado, isso serve de ponto de apoio, cronologia e memória para quem está apresentando). Uma última sugestão é pedir que escrevam algumas palavras-chave em uma cartolina, para que relembrem o percurso da história. Por exemplo: 1. Infância/Figueira sagrada; 2. Faculdade/Estados Unidos; 3. Desmatamento/Fazendas; 4. Fome/Doença; 5. Grande ideia!; 6. Mulheres/Comunidade; 7. Escolas/Soldados; 8. 30 milhões de árvores.

Para organizar o reconto, sugerimos ainda que você oriente o grupo a pensar e combinar entre si detalhes da apresentação, tais como:

- Como vocês estarão dispostos na sala? Estarão sentados ou em pé?
- Usarão algum tipo de roupa ou acessório como figurino?
- Haverá uma fala inicial, na qual vocês vão apresentar a si mesmos, além do livro e sua autora-ilustradora?

Depois de tudo organizado, só resta praticar. Cada grupo deve fazer alguns ensaios antes da apresentação final, os quais você pode observar, dando sugestões em relação à postura corporal, à entonação da voz, aos gestos, e assim por diante. O processo todo pode levar alguns dias até que os estudantes se sintam prontos para se apresentar. No dia da “estreia”, converse com cada grupo sobre a importância do respeito, da escuta, da empatia e do acolhimento para com todos os colegas.

Para finalizar, é fundamental uma roda de conversa para falar sobre todas as etapas do trabalho realizado e verificar o que ele significou para cada estudante, levando em conta seus desafios e habilidades. Questione-os sobre o processo como um todo e solicite que destaquem do que mais gostaram e os maiores desafios.

### COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, fluência em leitura oral, conhecimento alfabético

- Literacia intermediária

### HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP03; EF15LP04; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP13; EF15LP15; EF15LP16; EF15LP18; EF35LP01; EF35LP03; EF35LP04; EF35LP21

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

## OUTRAS ATIVIDADES

### Fanzine coletivo

*Plantando as árvores do Quênia* trata de uma série de questões relativas a direitos humanos, igualdade, sustentabilidade e trabalho comunitário – temáticas que, guardadas as proporções, são vivenciadas pelos estudantes em seus contextos sociais. Para aprofundar o conhecimento sobre esses assuntos, esta atividade propõe que a turma produza um fanzine sobre um tema relacionado à obra. Dessa forma, você pode apresentar aos estudantes outros gêneros para ampliar a **compreensão de textos** e possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas das linguagens (BNCC, 2018, p. 73).

O primeiro passo para a realização da atividade é escolher o tema que será pesquisado e trabalhado na produção de um fanzine. Explique aos estudantes que o fanzine é uma publicação não oficial feita por fãs de determinado produto cultural. O tema deverá estar relacionado com a obra lida e fazer parte do contexto dos estudantes, como o lixo na escola ou na cidade, a alimentação, o desperdício ou a falta de água, o desmatamento ou as queimadas em alguma região próxima a eles. Depois de escolhido o tema, organize a turma em quatro grupos; cada um será responsável pela produção de uma pauta, explorando diferentes gêneros.

- **Grupo 1:** produzir uma biografia sobre uma pessoa relacionada com o tema escolhido. Para isso, o grupo pode realizar uma pesquisa na internet sobre alguma personalidade da área – pesquisador, professor, ativista – e escrever um texto sobre ela, que deve também ser ilustrado.
- **Grupo 2:** entrevistar alguma pessoa que tenha conhecimentos sobre o assunto escolhido para ser trabalhado no fanzine. Pode ser um professor ou funcionário da escola, um familiar ou colega. A entrevista pode ser escrita no formato “perguntas e respostas” e ser ilustrada com uma foto do entrevistado ou um desenho que o represente.
- **Grupo 3:** elaborar o roteiro de uma história em quadrinhos narrando a percepção dos estudantes sobre o assunto escolhido e produzi-la coletivamente.
- **Grupo 4:** escrever e ilustrar um poema. Deve ser produzido um texto em versos, rimados ou não, expressando a percepção dos estudantes em relação ao tema do fanzine.

A atividade pode ser realizada em etapas, ao longo de algumas aulas, para que haja tranquilidade e tempo suficientes para a produção do material. Durante o processo, você pode alimentar os grupos com referências e exemplos, lembrando que o objetivo principal da atividade é explorar os gêneros e propiciar que os estudantes sejam protagonistas de suas próprias produções, pesquisas e discussões sobre os temas estudados. Serão trabalhados nessa atividade diversos campos cognitivos em relação à leitura e à produção de textos: “na perspectiva da BNCC, as habilidades não são desenvolvidas de forma genérica e descontextualizada, mas por meio da leitura de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana” (BNCC, 2018, p. 75).

Depois de finalizados todos os trabalhos, revise-os e oriente os estudantes sobre eventuais correções. As produções de cada grupo devem ser recortadas e coladas em folhas de papel sulfite dobradas como livretos (A3 ou A4, a depender do tamanho dos textos); as páginas podem ser numeradas, e, na página inicial, os estudantes podem elaborar a capa, incluindo título, data, nome dos autores e ilustração. Com o fanzine pronto, é só fotocopiar e distribuir para os colegas da escola e para os familiares ou responsáveis. Caso não seja possível fazer várias cópias, a produção de cada grupo pode circular em rodízio pela casa de todos. Uma sugestão é deixar duas páginas em branco no final do fanzine para que os familiares ou responsáveis deixem suas impressões em pequenos comentários ou desenhos. Depois, os originais e as cópias, se houver, podem ser doados à biblioteca da escola, para que os estudantes das outras turmas tenham acesso ao material.

### COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético
- Literacia intermediária
- Literacia familiar

### HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP01; EF15LP03; EF15LP04; EF15LP05; EF15LP06; EF15LP07; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP14; EF15LP15; EF15LP18; EF35LP01; EF35LP17; EF04LP05; EF05LP06

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

## Horta de temperos comunitária

Partindo de uma das competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, que propõe “utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável” (BNCC, 2018, p. 65), esta atividade tem por objetivo o plantio de horta de temperos comunitária na escola, envolvendo a comunidade escolar e os familiares ou os responsáveis pela criança. Essa interação permitirá que todos os integrantes da comunidade escolar pensem os recursos naturais na perspectiva da preservação ambiental.

Depois de fazer uma leitura coletiva do livro, mobilize o grupo a colocar a mão na massa, como fez Wangari. Para começar, converse sobre a biografia e peça aos estudantes que imaginem como seria uma ação de plantio na escola; é um bom momento para dialogarem sobre seu modo de vida, atividades rotineiras, meio ambiente e educação ambiental. Decidam o melhor local: um canteiro já existente na própria escola ou um local próximo e de fácil acesso para que a manutenção possa ser feita rotineiramente; caso nenhuma dessas possibilidades seja viável, uma sugestão é utilizar caixas de isopor

ou de feira cheias de terra. É importante que o local seja protegido (cercado e telado) e que tenha terra firme.

As mudas de temperos que farão parte da horta devem ser trazidas de casa. Cada estudante deverá escrever uma carta a seus familiares ou responsáveis, na qual, além de recontar a história de Wangari, explicará os detalhes do projeto e solicitará que seja enviada uma muda plantada em um saquinho plástico. Oriente os estudantes a solicitar mudas de ervas fáceis de encontrar e de replantar, como manjerição, alecrim e cebolinha.

Você deverá instruir os estudantes sobre o gênero textual carta. Por ser uma carta pessoal, a linguagem pode ser informal e descontraída, mas deve conter alguns elementos característicos, como local, data, destinatário (para quem a carta é direcionada), corpo do texto (saudação; contextualização sobre a obra lida e breve relato da biografia; contextualização sobre a atividade de plantio na escola e solicitação do envio de uma muda, com prazo estabelecido), agradecimento e assinatura. Para facilitar a redação, coloque na lousa um exemplo com essa estrutura, mas cuide para que os estudantes desenvolvam seu próprio texto.

Revise o texto das cartas e indique aos estudantes o que pode ser melhorado ou mais bem explorado. Peça então que reescrevam os trechos que precisam de ajustes até que se alcance o texto final, que deverá ser levado para as residências. Se possível, coloquem as cartas em envelope, com destinatário e remetente.

Depois de replantadas as mudas, oriente os estudantes a confeccionar plaquinhas com palito e papelão com o nome de cada planta.

A rega deverá ser feita pelo menos duas vezes por dia desde o plantio, de forma moderada, e as podas serão periódicas.

Se houver oportunidade e você achar conveniente, desenvolva interdisciplinarmente com Ciências da Natureza outros temas, como ecossistemas locais; comportamento das plantas; relação entre as plantas e os animais; tipos de solo da região; desenvolvimento das plantas; importância da água para as plantas; uso dos recursos naturais na comunidade e alimentação natural e orgânica.

### COMPONENTES DA PNA

- Literacia: desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético
- Literacia intermediária
- Literacia familiar

### HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP01; EF15LP05; EF15LP06; EF15LP07; EF15LP09; EF15LP10; EF35LP07; EF35LP09; EF04LP10; EF04LP11

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

## Contra o desmatamento!

Inspirada na história de Wangari Maathai, esta atividade propõe uma pesquisa sobre a região em que os estudantes vivem: o bioma e suas características, e como a fauna e a flora estão sendo impactadas pelo desmatamento. Depois de realizada a pesquisa, que pode ser feita em parceria com o componente curricular de Geografia, caberá ao grupo realizar uma campanha contra o desmatamento na escola, em casa, e, se possível, pelo bairro.

O desmatamento no Brasil é fruto de um processo histórico de ocupação do território e de predação dos recursos naturais. Nos últimos anos, o índice de desmatamento dos principais biomas brasileiros – a Amazônia, o Cerrado, o Pantanal e a Mata Atlântica – continua muito elevado, sendo notório no país um grande volume de queimadas, principal mecanismo utilizado pelos que atuam na derrubada da floresta. Muitas notícias e reportagens sobre esses desmatamentos e queimadas são veiculadas na imprensa, com mais frequência do que gostaríamos. Movimentos sociais, líderes ambientalistas e indígenas vêm alertando sobre a situação ambiental brasileira e climática, e propondo novas maneiras de viver.

Nesta atividade, os estudantes devem pesquisar sobre o bioma em que vivem, buscando dados e informações na internet, em textos e vídeos veiculados na imprensa. Para isso, você deve orientá-los sobre como realizar a pesquisa, explicando que devem acessar fontes confiáveis e checar dados em mais de uma página e em *sites* oficiais da imprensa brasileira e de outros países, além de *sites* de institutos governamentais e não governamentais. É uma ótima oportunidade para conversar sobre a importância de verificar dados e fontes.

Para realizar uma campanha contra o desmatamento, é fundamental que os estudantes se baseiem em dados, informações, números e porcentagens. Para isso, sugerimos algumas perguntas que podem direcionar a pesquisa:

- Qual é o bioma da minha região?
- Quais são suas principais características?
- Que tipo de vegetação é mais comum nesse bioma?
- Quais animais vivem nesse bioma?
- Qual é a situação do desmatamento na região nas últimas décadas?
- Quais animais estão ameaçados de extinção em meu território?

Os estudantes também podem pesquisar sobre as curiosidades que tiverem a respeito do bioma, na intenção de criar um dossiê da região escolhida. Com base nos dados obtidos, serão produzidos cartazes, que configurarão a campanha contra o desmatamento liderada pelos estudantes. Com as informações em mãos, eles devem criar frases para serem reproduzidas nos cartazes, que serão colados na escola e em seus arredores, e folhetos, que podem ser distribuídos em casa, nos comércios locais e na rua, para os transeuntes.

Oriente a turma a:

- empregar frases curtas, verbos no imperativo e pontos de exclamação para criar palavras de ordem: “Salvem os animais!”, “Contra o desmatamento!”, “Faça sua parte!”;
- usar dados e porcentagens: “Desmatamento chega a 810 m<sup>2</sup> na Amazônia!”, “Quase 20% dos animais e plantas brasileiros estão ameaçados de extinção!”;
- utilizar suportes grandes, como cartolina, papel *kraft* ou tecido, para fazer os cartazes;
- escolher cores vibrantes para escrever, de preferência com letra bastão em vez de cursiva, em tamanho grande o suficiente para que se possa ler o texto de longe;
- adicionar dados aos folhetos e, se possível, fotocopiá-los e distribuí-los para mais pessoas;
- produzir ilustrações e colagens.

Antes de começarem a fazer os cartazes, os estudantes devem escrever as frases escolhidas no caderno, para que possam revisá-las juntamente com você, que apontará correções e sugestões. Depois, com as frases definitivas prontas, elas devem ser reescritas a lápis nas cartolinas ou em outro suporte; nesse momento, poderão ser observados o tamanho e a disposição das letras, por exemplo, entre outros recursos visuais, como inserção de desenhos, cores e gráficos. Só então as letras a lápis serão contornadas com caneta hidrocor, giz de cera, tinta ou lápis de cor – quanto mais colorido e chamativo, melhor. Com tudo pronto, organize o grupo para colar os cartazes e distribuir os folhetos.

### COMPONENTES DA PNA

• Literacia: desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético, compreensão de textos

• Literacia intermediária

• Literacia familiar

### HABILIDADES DA BNCC

• Língua Portuguesa: EF15LP01; EF15LP03; EF15LP04; EF15LP05; EF15LP06; EF15LP07; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP18; EF35LP01; EF35LP02; EF35LP03; EF35LP04; EF35LP05; EF35LP07; EF35LP15; EF35LP17; EF04LP15; EF04LP19; EF04LP21; EF05LP15; EF05LP16; EF05LP19; EF05LP24

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

## AVALIAÇÃO

Criar procedimentos de avaliação formativa de processos ou resultados, que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, segundo a BNCC, é fundamental para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos estudantes. E esses procedimentos podem ser diversificados e aplicados durante as atividades, e não necessariamente de maneira pontual ou no final dos processos, como é comum que aconteça.

Ao planejar uma atividade, é importante que você tenha clareza de quais tópicos serão avaliados, ou melhor, observados no decorrer dos processos: **conhecimento alfabético, desenvolvimento de vocabulário, fluência em leitura oral e compreensão de textos** são alguns exemplos levantados pela PNA em relação às atividades de **literacia**. Para que isso aconteça de maneira consciente, você deve também levar em consideração a trajetória e o contexto de cada estudante, pois, mais importante do que alcançar uma meta comum a todos, é perceber que ele está evoluindo em sua trajetória pessoal. “Com o uso das ferramentas adequadas de avaliação, é possível identificar quais componentes precisam ser mais trabalhados (KRUIDENIER, 2002)” (PNA, 2019, p. 35).

Nas atividades propostas neste material, sugerimos apresentações de trabalho, rodas de conversa e produção de textos e ilustrações como parte das atividades, mas também como momentos de conclusão ou concisão dos conhecimentos adquiridos, quando os aspectos citados acima podem ser observados por você e pelos próprios estudantes, que, integrados nas atividades, têm a chance de fazer autoavaliações, receber devolutivas individuais, de forma oral ou escrita, e devolutivas orais por parte dos colegas. Para além dos aspectos relacionados à leitura e à escrita, outros pontos podem ser avaliados, como o comportamento, a postura e a participação do estudante nas atividades, o respeito aos colegas nos momentos de fala e exposição dos trabalhos, e o comprometimento em pesquisas individuais e em trabalhos em grupos.

Outro recurso sugerido para a avaliação dos processos é o portfólio de atividades, que pode ser organizado em pastas, uma para cada estudante, nas quais estarão os trabalhos realizados e os registros das atividades. O portfólio ajuda o estudante a visualizar seu percurso e você a fazer uma análise mais assertiva do desempenho e das dificuldades encontradas por cada um deles no caminho. Não é necessário que todos os trabalhos estejam no portfólio, mas deve haver uma amostragem das atividades realizadas em sala de aula e em casa para que, no final do período, o percurso do estudante possa ser revisado e, com base na análise dos trabalhos, novos desafios sejam apontados.

# 3. Materiais complementares

## PARA OS PROFESSORES

- ALMEIDA, Lígia; BEZERRA, Júlio; OLIVEIRA, Thascilla. Fanzine como ferramenta pedagógica educacional. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0306-1.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.  
Artigo sobre uma experiência de intervenção educacional realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental, na qual se elaboraram fanzines em sala de aula.
- A ÚLTIMA floresta. Direção: Luiz Bolognesi. Roteiro: Luiz Bolognesi e Davi Kopenawa Yanomami. Brasil, 2021 (74 min).  
Longa-metragem roteirizado pelo xamã ambientalista Davi Kopenawa sobre a luta dos Yanomami para preservar a floresta da destruição.
- BIOGRAFIAS de mulheres africanas. Wangari Muta Maathai (1940-2011). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/wangari-muta-maathai-1940-2011/>. Acesso em: 15 out. 2021.  
O site Biografias de mulheres africanas é o resultado de um projeto desenvolvido por estudantes de graduação e de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período de 2018 a 2020. Seu objetivo, eminentemente pedagógico, é dar a conhecer informações sobre a vida do maior número possível de mulheres nascidas no continente africano, das origens aos dias atuais, de modo a oferecer subsídios de ensino e pesquisa sobre a história das mulheres africanas em todos os níveis de educação.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Conta pra Mim*. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em: 22 out. 2021.  
Portal do programa do governo federal. Dispõe de materiais diversos com orientações e dicas para colocar em prática estratégias de interação, conversas e leitura em voz alta com as crianças.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Departamento de Educação Ambiental. *Viveiros educadores: plantando vida*. Brasília, DF: MMA, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao12.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.  
Cartilha com informações de como construir um viveiro educativo e envolver a comunidade na implementação da proposta de construção e funcionamento, enfatizando que o professor e a comunidade são peças fundamentais na efetivação de metodologias importantes para a educação ambiental.
- DIAKITÉ, Baba Wagué. *O dom da infância*. São Paulo: SM, 2012.  
Ainda criança, Baba se muda para Kassaro, pequena aldeia no Mali. Ali descobre o valor da solidariedade, o respeito à natureza e a importância das histórias. Um envolvente tributo aos povos, aos costumes e à cultura africanos.

- MOVIMENTO CINTURÃO VERDE. Disponível em: <http://www.greenbeltmovement.org/>. Acesso em: 15 out. 2021.  
Site do Movimento Cinturão Verde (The Green Belt Movement – GBM), fundado pela professora Wangari Maathai em 1977 como um desdobramento do Conselho Nacional de Mulheres do Quênia (NCWK). O GBM incentivou as mulheres a trabalhar juntas para cultivar mudas e plantar árvores para reter o solo, armazenar água da chuva, fornecer comida e lenha e receber uma pequena quantia monetária por seu trabalho. Em inglês.
- PAIXÃO, Sabrina. No mundo dos fanzines. *Cenpec*, 2 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/oficinas/no-mundo-dos-fanzines>. Acesso em: 15 out. 2021.  
Oficina de pesquisa, produção de textos e imagens, criação artesanal de fanzines e compartilhamento das produções dos estudantes.
- WANGARI Maathai. Direção: Henry Daniel Ajl e Luiz Carlos Azenha. Brasil, 2016 (25 min). Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/novaafrika/episodio/wangari-maathai>. Acesso em: 25 set. 2021.  
Entrevista com a própria Wangari, gravada por ocasião do 2º Encontro dos Estados Participantes do Protocolo de Kyoto (COP/MOP2), promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Nairóbi, capital do Quênia, em novembro de 2006.

## PARA OS ESTUDANTES

- AMAZÔNIA: planeta verde. Direção: Thierry Ragobert. Brasil/França, 2013 (83 min).  
Aventura em 3-D no interior da Floresta Amazônica. Castanha é um macaco-prego domesticado. Após escapar com vida de um acidente de avião, ele se vê repentinamente sozinho dentro da mata fechada. Deve então aprender a viver em liberdade em um mundo novo, cercado de jacarés, onças, cobras e gaviões.
- CUNHA, Leo; NEVES, André. *Um dia, um rio*. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.  
O livro é um lamento, um grito de socorro tardio de um rio indefeso que não tem como reagir ao ser invadido pela lama da mineração que destrói suas águas e as vidas que abriga. Traz a fala doce e amargurada de um rio que lamenta sua sina como se cantasse uma triste modinha de viola, recordando o tempo em que alimentava de vida seu leito, suas margens e as regiões por onde passava. Com lirismo e contundência, a obra aborda o desastre ambiental que destruiu a Bacia do Rio Doce em 2015.
- IGNOTOFSKY, Rachel. *As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo*. São Paulo: Blucher, 2017.  
O livro destaca as contribuições de cinquenta mulheres notáveis para os campos da ciência, da tecnologia, da engenharia e da matemática, desde o mundo antigo até o contemporâneo, além de trazer infográficos sobre equipamentos de laboratório, taxas de mulheres que trabalham atualmente em campos da ciência e um glossário científico ilustrado.

- MORAES, Odilon; VARELLA, Drauzio. *Nas águas do rio Negro*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

Muito largo, o rio Negro contém os dois maiores arquipélagos fluviais do mundo; também comprido, nasce na Venezuela, entra no Brasil e corta a Floresta Amazônica por mais de mil quilômetros. Drauzio Varella já viajou por esse importante rio brasileiro inúmeras vezes, no barco *Escola da Natureza*, colhendo plantas da região que pudessem ser transformadas em medicamentos. Nesse livro, o autor mergulha no terreno da fantasia e do folclore e relata o que aconteceu certo dia em que, em uma de suas viagens, adormeceu sozinho em uma rede do convés do barco, entretido com as estrelas e a Lua Cheia.

- ROCHA, Ruth; ROTH, Otavio. *Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa*. São Paulo: Moderna, 1990.

O livro fala da importância da consciência ambiental e do cuidado com a casa de todos nós: o planeta Terra. O que fazer para impedir que os solos se tornem desertos, que as águas fiquem envenenadas e que as florestas sejam devastadas? Como preservar o meio ambiente para que possamos viver com qualidade e para que as futuras gerações encontrem um planeta como deve ser: azul e lindo?

## 4. Bibliografia comentada

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012*. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002\\_12.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf). Acesso em: 25 set. 2021.  
Esse documento institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 3 nov. 2021.  
Documento que norteia o currículo de toda a Educação Básica no Brasil. Nele, encontram-se as competências e habilidades que devem ser trabalhadas a cada ano e em cada componente curricular.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Conta pra mim: guia de literacia familiar*. Brasília, DF: MEC, Sealf, 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-para-mim/conta-para-mim-literacia.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.  
Elaborado pelo governo federal, o guia contém sugestões para você estimular o envolvimento dos familiares e responsáveis, estabelecendo uma parceria para a rotina de literacia familiar.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA – Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC, Sealf, 2019. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno\\_pna\\_final.pdf](http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf). Acesso em: 3 nov. 2021.  
Instituída em 2019, a PNA é uma política que visa fomentar ações que auxiliem na melhoria da qualidade da alfabetização no Brasil, apoiando-se em evidências das ciências cognitivas.
- BRASIL. Política Nacional de Educação Ambiental. *Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999*. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm). Acesso em: 25 set. 2021.  
Essa lei de 1999 visa estimular práticas com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre as questões ambientais e de defesa do meio ambiente. Também busca alternativas nos currículos de ensino e novas metodologias para a capacitação de pessoas para a área ambiental.
- BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos da República. *Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)*. Brasília, DF: SEDH/PR, 2009. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PNDH3.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.  
Documento da Secretaria Especial de Direitos Humanos da República com o objetivo de ampliar o respeito aos direitos humanos e instituir programas de erradicação da miséria e da desigualdade social no país.

- FONSECA, A. *et al.* *Boletim do desmatamento da Amazônia Legal*. Belém: Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia, ago. 2021. Disponível em: <https://imazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-agosto-2021-sad/>. Acesso em: 25 set. 2021.  
Boletim com dados recentes sobre a perda da cobertura vegetal na região amazônica. Eles possibilitam a análise da correlação entre concentração fundiária e desmatamento.
- INPE. Estudo liderado por pesquisadora do Inpe/MCTI mostra que a Amazônia passou a ser fonte de carbono devido às queimadas, ao desmatamento e às mudanças climáticas. 14 jul. 2021. Disponível em: [https://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=5876](https://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5876). Acesso em: 24 set. 2021.  
Notícia do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que monitora regularmente o desmatamento no território nacional usando imagens de satélite.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Reflexão do líder ambientalista e fundador da União dos Povos Indígenas. O texto do livro é o resultado de duas palestras proferidas em Portugal. Krenak denuncia o caráter conservador de um discurso ecológico que, escorado na ideia de sustentabilidade, não problematiza o projeto desenvolvimentista.
- LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Sesi-SP, 2018.  
Linden investiga a relação entre texto e imagem em livros ilustrados, apoiando-se na análise de mais de três centenas de obras de artistas do mundo inteiro.
- MEDEIROS, Aurélia *et al.* A importância da Educação Ambiental na escola nas séries iniciais. *Revista Faculdade Montes Belos*, v. 4, n. 1, set. 2011. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/cea/2016/08/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais/>. Acesso em: 15 out. 2021.  
O objetivo do artigo é destacar a discussão acerca de um possível diálogo entre a Educação Escolar (EE) e a Educação Ambiental (EA). Conforme os autores, os professores devem se empenhar na melhoria do planeta mediante a busca pela melhoria da qualidade de vida e das condições ambientais, tendo por base a Educação Ambiental.
- ONU BRASIL. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 25 set. 2021.  
Trata-se de um compromisso internacional assumido por 193 países para promover, em seus respectivos territórios, o desenvolvimento sustentável, configurado em objetivos que se destacam em três dimensões: econômica, social e ambiental.

- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Um balanço da década de 1960, no Brasil e no mundo, tendo como pano de fundo a Guerra Fria, a corrida armamentista, as manifestações da contracultura e os movimentos estudantis.

- PINTO, Renato Donisete. *Fanzine na educação: algumas experiências em sala de aula*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

Nesse estudo, Renato Donisete investiga algumas práticas desenvolvidas em diversos componentes curriculares, tais como Língua Portuguesa, Geografia e Educação Física, no Ensino Básico, além de experiências vivenciadas no Ensino Superior, como no mestrado em Educação. Em um segundo momento descreve a própria experiência com a utilização dos fanzines em uma escola municipal situada nas proximidades da comunidade de Heliópolis, em São Paulo.

# 5. Glossário

## POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA)

- **Leitura dialogada:** interação, por meio de perguntas e respostas, entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta.
- **Literacia:** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita e sua prática produtiva.
  - **Literacia básica:** primeiro nível (da pré-escola ao fim do 1º ano do Ensino Fundamental), consiste na aquisição das habilidades fundamentais para a alfabetização (literacia emergente) para que a criança acesse, ao longo do aprendizado, conhecimentos mais complexos. Abrange os seguintes componentes essenciais para a alfabetização:
    1. *consciência fonológica:* habilidade que inclui a identificação e a manipulação intencional da linguagem oral (palavras, sílabas, aliterações e rimas);
    2. *consciência fonêmica:* habilidade de conhecer e manipular intencionalmente os fonemas, que são as menores unidades fonológicas da fala.
  - **Literacia familiar:** experiências e práticas vividas pelos estudantes com seus familiares e responsáveis antes e durante sua vida escolar.
  - **Literacia intermediária:** segundo nível (do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental), após a literacia básica (da pré-escola ao fim do 1º ano do Ensino Fundamental), abrange habilidades mais avançadas, como:
    1. *fluência em leitura oral:* capacidade de ler com precisão, velocidade e prosódia;
    2. *desenvolvimento de vocabulário:* tem por objeto tanto o vocabulário receptivo e expressivo quanto o vocabulário de leitura. Os leitores iniciantes empregam seu vocabulário oral para entender as palavras presentes nos textos escritos;
    3. *compreensão de textos:* é o propósito da leitura, que depende primeiro da aprendizagem da decodificação e, posteriormente, da identificação automática de palavras e da fluência em leitura oral. Outros fatores também influem na compreensão, como o vocabulário, o conhecimento de mundo e a capacidade de fazer inferências;
    4. *produção de escrita:* diz respeito tanto à habilidade de escrever palavras quanto à de produzir textos;
    5. *conhecimento alfabético:* componente que tem por objetivo garantir que o estudante se familiarize com o alfabeto, essencial em atividades que envolvem codificação (escrita) e decodificação (leitura).

# BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

## Língua Portuguesa

- 
- EF15LP01** Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.
- 
- EF15LP03** Localizar informações explícitas em textos.
- 
- EF15LP04** Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.
- 
- EF15LP05** Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
- 
- EF15LP06** Ler e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.
- 
- EF15LP07** Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.
- 
- EF15LP09** Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.
- 
- EF15LP10** Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
- 
- EF15LP13** Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).
- 
- EF15LP14** Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).
- 
- EF15LP15** Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
- 
- EF15LP16** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
- 
- EF15LP18** Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
- 
- EF35LP01** Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.
- 
- EF35LP02** Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula e/ou disponíveis em meios digitais para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião, após a leitura.
- 
- EF35LP03** Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
- 
- EF35LP04** Inferir informações implícitas nos textos lidos.
- 
- EF35LP05** Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.
- 
- EF35LP07** Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.
- 
- EF35LP09** Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.
-

<b>EF35LP15</b>	Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
<b>EF35LP17</b>	Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulam em meios impressos ou digitais.
<b>EF35LP21</b>	Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
<b>EF04LP05</b>	Identificar a função na leitura e usar, adequadamente, na escrita ponto final, de interrogação, de exclamação, dois-pontos e travessão em diálogos (discurso direto), vírgula em enumerações e em separação de vocativo e de aposto.
<b>EF04LP10</b>	Ler e compreender, com autonomia, cartas pessoais de reclamação, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero carta e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.
<b>EF04LP11</b>	Planejar e produzir, com autonomia, cartas pessoais de reclamação, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero carta e com a estrutura própria desses textos (problema, opinião, argumentos), considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.
<b>EF04LP15</b>	Distinguir fatos de opiniões/sugestões em textos (informativos, jornalísticos, publicitários etc.).
<b>EF04LP19</b>	Ler e compreender textos expositivos de divulgação científica para crianças, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
<b>EF04LP21</b>	Planejar e produzir textos sobre temas de interesse, com base em resultados de observações e pesquisas em fontes de informações impressas ou eletrônicas, incluindo, quando pertinente, imagens e gráficos ou tabelas simples, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
<b>EF05LP06</b>	Flexionar, adequadamente, na escrita e na oralidade, os verbos em concordância com pronomes pessoais/nomes sujeitos da oração.
<b>EF05LP15</b>	Ler/assistir e compreender, com autonomia, notícias, reportagens, vídeos em vlogs argumentativos, dentre outros gêneros do campo político-cidadão, de acordo com as convenções dos gêneros e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
<b>EF05LP16</b>	Comparar informações sobre um mesmo fato veiculadas em diferentes mídias e concluir sobre qual é mais confiável e por quê.
<b>EF05LP19</b>	Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes.
<b>EF05LP24</b>	Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

## Ficha técnica

### Obra

**Título:** *Plantando as árvores do Quênia: a história de Wangari Maathai*

**Autora-ilustradora:** Claire A. Nivola

**Tradução:** Isa Mesquita

**Editora:** Moitará

**1ª edição, 2021**

### Material Digital de Apoio à Prática do Professor

**Editora responsável:** Graziela Ribeiro dos Santos

**Editores assistentes:** Olívia Lima e Mariane Brandão

**Produção e consultoria técnico-pedagógica:** Triolet e Millyane Moura Moreira